

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CAMPUS GUARULHOS

Higor de Moura Valente

**O valor de(o) saber: Uma reflexão sobre estado de HIV e
socialização on-line**

GUARULHOS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CAMPUS GUARULHOS

Higor de Moura Valente

**O valor de(o) saber: Uma reflexão sobre estado de HIV e
socialização on-line**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Zoqui Martins
Parra

GUARULHOS

2019

NA QUALIDADE DE TITULAR DOS DIREITOS AUTORAIS DO TRABALHO CITADO, EM CONSONÂNCIA COM A LEI DE DIREITOS AUTORAIS Nº 9610/98, AUTORIZO A PUBLICAÇÃO LIVRE E GRATUITA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIFESP, SEM QUALQUER RESSARCIMENTO DOS DIREITOS AUTORAIS, PARA LEITURA, IMPRESSÃO E/OU DOWNLOAD EM MEIO ELETRÔNICO DESSE TRABALHO PARA FINS DE DIVULGAÇÃO INTELECTUAL DA INSTITUIÇÃO.

VALENTE, Higor de Moura.

O valor de(o) saber: Uma reflexão sobre estado de HIV e socialização on-line 43 páginas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação ABI em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Henrique Zoqui Martins Parra

The value of knowing: One reflexion about HIV status and on-line socialization

1. Sociologia contemporânea 2. Sociologia do controle 3. Sexualidade 4. HIV/AIDS 5. Relações Tecnomediadas I, VALENTE II, PARRA O valor de(o)saber: Uma reflexão sobre o estado de HIV e

O VALOR DE (O) SABER: UMA REFLEXÃO SOBRE ESTADO DE HIV E
SOCIALIZAÇÃO ON-LINE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial
para a obtenção do grau em Bacharel e Licenciado em
Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia Contemporânea

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Henrique Zoque Martins Parra
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Humberto Prates de Fonseca Alves
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Deixo em primeiro lugar meu agradecimento aos meus pais, Sônia e José minha educação sempre foi prioridade para ambos, em especial minha mãe, que me deu forças e muito amparo mesmo nas horas difíceis em relação ao campo ou a bibliografia, bem como nas mais de várias vezes que me incentivaram a continuar na graduação mesmo nos momentos difíceis.

Agradeço à todo o colegiado de professores de Ciências Sociais da EFLCH-UNIFESP, graças ao apoio, crítica, e oposição de alguns de vocês, eu consegui prosseguir firme na luta pela minha formação, agradeço em especial ao professor Humberto Alves, que aceitou ser meu parecerista neste estudo, agradeço pelas conversas produtivas e incentivo durante as aulas e fora delas, bem como pelo interesse em comum na área de quantitativas nas ciências sociais, e sobretudo agradeço meu orientador Henrique Parra, não consigo mensurar o quanto aprendi contigo não só como professor de sociologia, mas também como pessoa humana e em como encontrar luz em meio as trevas que muitas vezes rondam a academia. Escolhi os melhores para me orientar e para me ajudar nessa jornada na universidade. Agradeço também em especial os professores Débora Goulart e Uirá Garcia, sem ambos, este trabalho não seria concluído, obrigado pela atenção e respeito aos alunos que como eu, vem de escola públicas com algumas deficiências em aprendizado, porém com um potencial enorme. Agradeço também à professora Ingrid Cyfer pela extensa bibliografia que me introduziu sobre os estudos de gênero, e pelas suas aulas muito claras.

Agradeço a meu companheiro Jalal Habouch pela constante fé em mim não só como pessoa, mas como pesquisador, agradeço pelo amparo nas horas de choro e por ter possibilitado que esta pesquisa pudesse romper as barreiras nacionais e ser efetuada também na França e em Portugal, aprendi muito com você e quero aprender muito mais, os conhecimentos em programação que compartilhou comigo, bem como em autocuidado e respeito próprio foram decisivos para a conclusão desse trabalho, obrigado por me mostrar que devemos buscar aquilo que amamos, mesmo que o caminho seja longo e árduo.

Não haveria como deixar de agradecer também, aos colegas de jornada, que durante esses longos anos de graduação foram o alicerce das relações sociais que construí na universidade e espero fora dela. Agradeço à Viviane Sanchez por sua

sagacidade, teimosia, e raciocínio, você me inspirou a concluir esse curso, agradeço à Paula Campos que passou pela depressão e ansiedade assim como eu, e também encontrou forças para concluir esta jornada acadêmica. Agradeço a Lauro Campos pelas risadas, caronas, e incentivos intelectuais em ótimas discussões. Também a Fabiola Bosio que nos momentos finais deste estudo me deu um apoio tremendo, e em outros momentos da minha vida. Agradeço a Maria dos Prazeres Gomes de Sena e a todos meus Orixás que me sustentaram na fé e no caminho dos estudos.

Agradeço as pesquisadoras e pesquisadores do SAMPACENTRO, sem vocês esse trabalho não existiria, agradeço à Maria Amelia Veras, à Gabriela Junqueira Calazans, Regina Fachinni, e Ricardo Gamboa, obrigado por terem me ensinado tanto e acreditado em mim.

Por fim, agradeço a todos os estudantes de escola públicas que como eu entraram nas universidades públicas de nosso país, imensa gratidão a cada um dos entrevistados, agradeço à equipe do CTA – UBIRATAN, agradeço à cada uma das vítimas da AIDS, e a cada pessoa vivendo com HIV hoje, agradeço à forma como sempre me mostraram humanidade, grandeza, e força e também nossa pequenez humana em relação à vida.

RESUMO

O advento de aplicativos de relacionamento direcionados á sujeitos não heterossexuais e cisgêneros transformaram e foram transformados pela sexualidade destes sujeitos, bem como sua sexualidade foi e é transformada pelas formas de controle social difusa e institucionalizado nessas fronteiras entre noções de público e privado. Este trabalho tem por objetivo analisar as relações. Esta é uma pesquisa sobre sexualidade tecnomediada no âmbito das interações entre PSPs, e sua relação com formas emergentes de controle social, difuso ou institucionalizado. Problematizando como o estado sorológico para HIV dos sujeitos, e as subjetividades que daí se origina, alteram suas relações sociais sob uma dupla dimensão: os efeitos da economia social do desejo; e os efeitos de controle social relativos à mediação das tecnologias digitais.

Palavras-Chave: Sociologia do Controle Social, Relações Tecnomediadas, Redes de desejo, Sociologia Contemporânea, HIV, AIDS, Sexualidade.

ABSTRACT

The advent of relationship apps directed to non-heterosexual and cisgender people transformed and were transformed by the sexuality of these subjects, as well as their sexuality was and is transformed by the forms of diffuse and institutionalized social control in these frontiers between notions of public and private. This work has by objective to analyze the relations. This is a research on techno-mediated sexuality within the interactions between PSPs, and their relationship with emerging forms of social control, diffused or institutionalized. By problematizing how the HIV serostatus of the subjects, and the subjectivities that came from it, alter their social relations under a double dimension: the effects of the social economy of desire; and the effects of social control related to the mediation of digital technologies.

Keywords: Sociology of Social Control, Technomediated Relationships, Desire Networks, Contemporary Sociology, HIV, AIDS, Sexuality.

SUMÁRIO

CAPÍTULOS

1. INTRODUÇÃO	9
2. DEFINIÇÃO DE OBJETOS: O PROBLEMA CLASSIFICADOR	11
3. CLASSIFICAÇÕES INSTITUCIONAIS E NÃO INSTITUCIONAIS SOBRE O SUJEITO	13
4. A AIDS E SEUS IMPACTOS SOCIOLÓGICOS	15
5. A ASCENÇÃO DO COQUETEL ANTIHIV (FIM DA AIDS?)	18
6. A EMERGÊNCIA DA PREFILAXIA PRÉ EXPOSIÇÃO	22
7. OS APLICATIVOS DE ENCONTRO E AS NOVAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO	24
8. SOBRE A SEGURANÇA DOS DADOS E SEUS IMPACTOS SOCIOLÓGICOS	29
9. DAS REGRAS APLICADAS PELOS CRIADORES DAS PLATAFORMAS PARA SUA UTILIZAÇÃO	36
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

TABELAS

TABELA 1	20
----------	----

FIGURAS

FIGURA 1	33
----------	----

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início em 2012, com uma ideia incipiente para um projeto de iniciação científica. Decidido a estudar o tema das relações tecnomediadas me coloquei a buscar orientadores diante dessa pesquisa nas quais tive contato com as pesquisadoras Professora Doutora Maria Amélia Veras, Professora Doutora Regina Fachinni, e Professora Doutora Gabriela Calazans que efetuavam um projeto de pesquisa sobre sexualidade multidisciplinar, que envolvia as áreas da Medicina, Epidemiologia, Psicologia, Sociologia e Antropologia. Fui membro do projeto de pesquisa por um ano e fui a campo com as pesquisadoras e uma extensa equipe, com este início tendo contato direto com a população pesquisada e uma série de questionamentos procurei me fundamentar por anos para concluir uma pesquisa satisfatória.

No entanto, orientado sobre como o trabalho seria complicado e oneroso, devido à ausência de fontes, ele foi pouco a pouco construído com o que de mais recente se apresentou de bibliografia dentro da sociologia, bem como um resgate sobre a bibliografia sociológica de controle social, representação dos sujeitos dentro e fora da internet, bem como na relação na qual estas relações modificam-se de maneira dialética e interconectada. A escolha da biografia, que embora pequena, trouxe uma série de indagações sobre uma série de assuntos quais apresento no seguinte trabalho.

Esta escolha pautou-se, em primeiro lugar, pela opção que fiz por tratar de casos paradigmáticos, que se impõe de maneira *sui generis* na discussão política e sociológica contemporânea. A saber; a privacidade dos sujeitos numa nova ordem social de controle em sobreposição a uma disciplinar, a segurança das informações e como esta afeta a relação social, as relações sociais embarcadas por uma série de pormenores sobre subjetividades e objetividades atreladas à sorologia para HIV, estigma social, desejo, e relações tecnomediadas e subjetivações maquínicas.

Assim, me decidi: realizar um exercício de pesquisa utilizando-me da observação do real e do virtual, para compreender as mudanças sob o aspecto da bibliografia de Sociologia bem como, da Epidemiologia e de discursos de diversas áreas que visam modificar, ou modificam, a sociabilidade bem como tecnologias de

socialização de sujeitos não heterossexuais e cisgêneros.

Durante a metade deste estudo tive a oportunidade de viajar à Paris-França e Lisboa - Portugal por duas semanas em cada país, e comparei por meio da etnografia imersiva diferenças na utilização destas tecnologias de socialização em relação à São Paulo-Brasil.

Embora preliminares as análises da utilização em cidades de países diferentes se mostrou diferente, mesmo os aplicativos serem os mesmos, para inserir os dados neste estudo fiz algumas comparações e observações nos capítulos seguintes.

2. DEFINIÇÕES DE OBJETOS: O PROBLEMA CLASSIFICADOR.

As identidades de gênero e sexualidade estão em constante transformação, novos termos e classificações são construídos conforme a história se avança, o que era escrito e pensado no final do SÉC. XX, já não é mais pensado da mesma maneira e nem tão pouco tem a mesma classificação. O que no início era conhecido como “Movimento Gay” se tornou com o passar do tempo, “Movimento GLS” (Gays Lésbicas e Simpatizantes); “Movimento GLBT” (Movimento de Gays, Lésbicas, Bissexuais, e Transsexuais), chegando aos recentes “Movimento LGBT” (Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, e Transsexuais” (FACHINNI & SIMÕES 2010) e estes termos ainda estão em disputa no espaço político e social para novas inclusões e reformulação sobre a não heterossexualidade e a não cisgeneridade.

Sobre este último termo “Cisgênero” foi uma adaptação do termo cunhado pelo Sexólogo alemão Volkmar Sigusch “Cissexual”, deriva do sufixo latino *Cis*, e se refere à pessoas que se adequaram com o gênero atribuído à elas ao nascer. Ambos os termos são usados para se dar substância aqueles sujeitos que não são transexuais e ou transgêneros, traz consigo um potencial não só classificatório, como destitui a pretensa normalidade das pessoas não trans, com isto, se coloca uma pergunta a literatura epidemiológica que costuma utilizar o termo “HsH” (Homens que fazem sexo com homens) em seus artigos destinados à investigação de práticas sexuais. Dito isto, opto por utilizar o termo “PsP” (Pessoas com pênis que façam sexo com pessoas com pênis) o que traz à este trabalho um melhor recorte em relação à gênero e sexualidade, reconheço que nesse sentido os homens transsexuais, sejam eles bissexuais, e ou homossexuais, que utilizam os aplicativos investigados acabam por ficar de fora das pesquisas, mas não encontrei qualquer menção à sua sexualidade e subjetividades atreladas à eles em fontes de textos epidemiológicos. Esse trabalho então identificou como objeto de pesquisa as pessoas que tenham pênis e que façam sexo com outras pessoas com pênis, sejam elas gays, heterossexuais, transexuais, travestis, bissexuais, pansexuais, etc.

Segundo os nossos dados de campo, a categoria “HSH” surgiu no Brasil a partir da classificação dos dados epidemiológicos, centrado nas ciências médicas, sendo, portanto, uma categoria epidemiológica e não político-identitária. Isto é, ela é uma classificação outorgada e não reivindicada. De acordo com os organismos internacionais, a sigla “HSH” refere-se a qualquer homem que faz sexo com homens, mesmo àqueles que não se auto-identificam como homossexual ou gay, inclusive a indivíduos que não são classificados como adultos, podendo se referir a menores de 18 anos. (PELUCIO & DUQUE 2010 pág7 apud UNAIDS, 2008)

Desta maneira, fazer o recorte da população e práticas relacionadas, veio a ser um desafio, diante da bibliografia pesquisada ter como norteador as relações fora do panorama heterossexista. Embora haja terminologias diferentes, ao que se apresenta como bibliografia consultada, em resumo, seriam construções de relações fora do espectro da heterossexualidade impositiva e desejada, e da adequação total ou parcial ao gênero e práticas sexuais esperadas da população com base em seus genitais de nascimento.

3. CLASSIFICAÇÕES INSTITUCIONAIS E NÃO INSTITUCIONAIS SOBRE OS SUJEITOS.

As redes sociais eletrônicas intensificam a relação entre os seres humanos no duplo de aproximar aquele que estão distantes e aproximar aqueles que próximos se vem com interesses em comum. Este processo cada dia mais se dinamiza criando um *ethos* de socialização próprio sociotecnomediado, com aparência “livre”, no qual os sujeitos em relação criam e trazem de fora, padrões de socialização e controle sociais difusos e institucionalizados. Controle este que também é exercido por algoritmos que regulam o funcionamento do aplicativo.

Este fenômeno não é de hoje, visto que, durante todo o século XX a tecnologia tem sido e é utilizada como espaço e ferramentas de alteração constantes da sexualidade e da afetividade dos sujeitos. Como aponta Miskolci fatores como a utilização do carro como ferramenta de socialização, retirando a hegemonia do espaço privado, e atuando numa zona difusa do espectro público x privado, per si, já alterou a forma com a qual os sujeitos se relacionavam, os antigos namoros em geral heterossexuais e cisgêneros, se davam dentro das vistas e controle de instituições como a família e a igreja, passando com o advento do carro, e ao cinema, estarem agora disponíveis em outras formas, mais individualizadas e direcionadas por interesses e desejos dos sujeitos, convidar um parceiro, ou mais comum uma parceira a um encontro, teve a dupla função de individualizar o afeto e o desejo, bem como a de estimular o com sumo, numa economia nova e crescente, como observa também Perlhonger, essa mutabilidade local, também teve o resultado de; por meio de individualizar os encontros, fazer com que encontros não heterossexuais e dentro da família acontecessem de maneira mais ou menos comuns.

Esta socialização nova gerou no Brasil, mais especificadamente em São Paulo, zonas transitivas de desejo, condicionadas às horas de atividade, apontado em o Negócio do Michê, Perlhonger, demonstra que áreas do centro da cidade, em geral nas quais os sujeitos poderiam se individualizar e manter sua identidade

relativamente anônima foi utilizada para a prática chamada *cruising*¹, pela alta circulação de pessoas, de diferentes espaços da cidade, esta prática se dava no anonimato da noite em espaços de circulação públicas. Esta prática já se mostrava um problema ao controle social institucionalizado, embora tenda a acontecer em anônimo, pesquisas como a de Perlhonger mostram que desde a primeira metade do século XX, eram já estudadas e tidas como problemas sociais, a sociologia hegemônica da época atrelada a medicina buscava sob a prerrogativa de compreendê-las, controlá-las. Esta é mais uma das formas nas quais o controle social institucionalizado dos corpos se mostrava um tema transdisciplinar. E por controle social institucionalizado, me refiro a instituições como a Medicina, o Estado, a legislação sobre a tecnologia etc. Por controle social difuso, tenho os impactos das relações destes sujeitos e sua censura prévia e posterior de formas de expressão, desejos, fetiches, práticas, e significados bem como na valoração destas perante a comunidade de usuários da mesma tecnologia de socialização.

Outras tecnologias de socialização foram sendo apresentadas e utilizadas pelos sujeitos, estabelecendo-se entre os estratos de classes econômicas altas e médias primeiro, como o telefone fixo, que trouxe a possibilidade de por meio de outras tecnologias como jornais e revistas direcionadas tais como o *Lampião da Esquina*² fazer uma combinação de tecnologias. O jornal colocava anúncios de sujeitos em buscas de parceiros com número de telefone, e os leitores e leitoras poderiam entrar em contato com possíveis parceiros.

Durante a década de 1980, também ocorre algo que modifica toda a forma de socialização dos sujeitos e suas recentes ressignificações de si mesmo e teria impacto sobre todas as socializações posteriores e vindo a ser tema desta pesquisa.

¹ Cruising do Inglês é a prática de encontros fortuitos em busca de sexo, feita por sujeitos marginalizados pela heteronormativa, consiste em uma série de signos e sinais, em busca de um flerte velado, não exposto á maior parte dos sujeitos.

² Jornal de circulação na década de 1980 feito por e para sujeitos não heterossexuais.

4. A AIDS E SEUS IMPACTOS SOCIOLÓGICOS.

Durante a década de 1970 os indivíduos e sujeitos não heterossexuais ou cisgêneros³ experimentaram a expansão de direitos e de organizações ao redor do planeta, com o mito fundador mais ou menos estabelecido, da revolta de *Stonewall Inn*⁴, os sujeitos hoje entendidos como LGBTs passaram a se organizar e compartilhar ganhos da chamada revolução sexual, bem como dos chamados “novos movimentos sociais.”⁵. As tecnologias de socialização dos sujeitos não hetero, passou então a ser disputada com o discurso religioso de pecado e danação, médico de loucura ou desvio, e antropológico de apagamento, para uma forma legítima de se expressar, afeto, desejo, e relacionamentos. Durante a década posterior, sujeitos lutavam pelo direito de se amar, de se fazer sexo, de não sofrerem perseguição institucional e social por isso. Durante a década da *Disco Music*, novas tecnologias de socialização foram se estabelecendo, assim como o carro ou o telefone, se mostraram novas esferas de negociação de desejo e de maleabilidade das fronteiras entre o público e o privado, os sujeitos agora poderiam se encontrar em grandes espaços de socialização como as casas noturnas, clubes noturnos e baladas de público LGBT, estreitando as fronteiras entre espaços públicos e privados destinados à socialização, criando assim mais formas tecnológicas de socialização e novas subjetificações, como aponta Simões & Fachinni, as conquistas do movimento feminista como contracepção, questionamento da obrigatoriedade reprodutora da mulher, entre outras, traria impacto aos sujeitos do então movimento gay, ao estes, também questionarem o discurso vigente sobre suas práticas e começarem a construir uma noção própria de identidade.

Diante da recente e ainda em disputa, autoidentificação dos sujeitos não hétero, bem como luta por pelo desejo não heterossexual reprodutor, as conquistas do recente movimento, bem como a capilaridade deste foi severamente abalada pela

³ Indivíduos que dentro de sua esfera de negociação, se identificam com o gênero que a sociedade que o circunda atribui à este.

⁴ Stonewall é um bar localizado na cidade de Nova York, no qual indivíduos não heterossexuais e cisgêneros se encontravam para flertar, socializar, e se encontrar, após uma série de ataques policiais, no dia 28 de Junho de 1969, os frequentadores se juntaram e revidaram, o ato deu origem a uma série de protestos consequentes e é entendido como a origem do movimento LGBT organizado.

⁵ Movimentos sociais surgidos após a década de 1960 que lutavam por pautas identitárias, sexuais, raciais, e de gênero.

Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, ou AIDS, uma doença viral que ataca as células de defesa do corpo dos infectados, viria a ser atrelada de maneira irreversível aos homossexuais e bissexuais.

No Brasil o primeiro caso relatado foi em 1983, e posteriormente durante à década de 1980, foi-se constituindo um pânico direcionado aos sujeitos não heterossexuais e cisgêneros, principalmente aos gays, e travestis, que para a boa parte da população da época eram considerados igualmente perigosos. O pânico passa de comportamentos e práticas consideradas loucura, ou pecado, ou ainda antinaturais, difundidas por instituições para representar agora diante da mídia e de boa parte da medicina a morte.

Deste período, embora a bibliografia relatando o pânico da AIDS seja extensa, no recorte proposto, verifiquei que representações metafóricas sobre a doença são construídas e reconstruídas até hoje, o campo etnográfico também mostrou uma série de construções simbólicas diferenciadas. E para ilustrar seleciono o trecho de Sontag:

A genealogia metafórica da aids é dupla. Enquanto microprocesso, ela é encarada como o câncer: como uma invasão. Quando o que está em foco é a transmissão da doença, invoca-se uma metáfora mais antiga, que lembra a sífilis: a da poluição. (A aids se propaga através do sangue ou dos fluidos sexuais de pessoas infectadas, ou de produtos preparados com sangue contaminado.) Porém, as metáforas militares usadas para descrever a aids têm uma ênfase um pouco diferente das utilizadas na descrição do câncer. No caso do câncer, a metáfora deixa de lado a questão da causalidade (um aspecto da doença ainda obscuro) e focaliza o momento em que células rebeldes dentro do corpo entram em mutação, por fim saindo do local ou órgão original para atacar outros órgãos ou aparelhos — um processo de subversão interna. No caso da aids, o inimigo é o elemento que causa a doença, um agente infeccioso que vem de fora por fim saindo do local ou órgão original para atacar outros órgãos ou aparelhos — um processo de subversão interna. (SONTAG, Susan Doença como Métafora, AIDS e suas metáforas pág 02 1989)

Embora a metáfora da AIDS seja constantemente reconstruída, ela entra no debate público, e posterior na vida pessoal das pessoas no Brasil à partir de algo muito semelhante ao apontado por Sontag, a medicina que era considera a mais

avançada já colocada, falha miseravelmente em sustentar uma cura, e ainda um tratamento, a doença é transfigurada de algo biológico, para algo social, o pânico é generalizado e como apontam Simões e Fachinni “Com a AIDS, reascendeu-se a ligação entre homossexualidade e doença. Expressões como “peste gay” espocaram e persistiram, mesmo depois constatado que o vírus poderia ser transmitido à qualquer pessoa...” fato observado também por Miskolci “Uma síndrome causada pelo sangue contaminado com um vírus que ataca o sistema imunológico foi construída medicamente como sexualmente transmitida e associada a grupos sociais historicamente estigmatizados, especialmente os homossexuais[...]” ou seja, se há um consenso entre os autores analisados é que a AIDS foi atrelada de maneira indissociável aos sujeitos homossexuais e bissexuais masculinos, em partes pela medicina, em partes pela mídia da época que, os ligou de maneira quase indissociável.

Durante a década seguinte, milhares de mortes e uma doença ainda sem cura serviram de estímulo negativo para os sujeitos homossexuais, sua identidade agora estaria direta ou indiretamente ligada à questão da AIDS de maneira qual suas ações, discursos, e tecnologias seriam influenciadas e influenciadoras pela aversão à doença lhes atribuída simbolicamente.

Para se compreender melhor como essa forma de controle social funcionaria, ressalto as campanhas públicas estatais direcionadas à população e a criação do Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde em 1986. pelo uso do preservativo, bem como pela testagem, de seu sangue, e também pela forma na qual a militância LGBT foi protagonista durante toda a década de 1990 da militância contra a AIDS. A Luta da militância soropositiva para HIV, bem como do movimento LGBT, ocasionou uma série de conquistas, desde o *ACT UP*, dos EUA, as campanhas estatais do Brasil, muito foi conquistado, e durante a década de 1990 acontece algo que mudaria para sempre a forma de se relacionar com a AIDS.

5. A ASCENÇÃO DO COQUETEL ANTI HIV (FIM DA AIDS?)

Durante o ano de 1996 acontece o primeiro consenso em terapia antirretroviral que regulamenta a prescrição de medicamentos anti-HIV no Brasil. O tríplice esquema de antirretrovirais, que combina dois inibidores de transcriptase reversa e um de protease, começa a ser utilizado. A Lei 9.313 estabelece a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores de HIV. Com mais de 22 mil casos de AIDS em 1996, o Brasil registra então a feminização, interiorização e pauperização da epidemia. Antes atrelada de maneira recorrente aos sujeitos LGBTs em especial, homens cisgêneros gays e bissexuais, e mulheres transsexuais heterossexuais ou bissexuais, a doença que entra no país por meio de uma classe média dominante que tinha acesso à outros países, agora começa a mostrar seu caráter pandêmico, se instaurando em estratos e camadas sociais nos quais não eram comuns. Após a vitória do movimento de portadores do vírus pela distribuição gratuita de medicamentos, neste ano (1996) no Brasil é aprovada a combinação dos antirretrovirais, que faz com que finalmente depois de mais de 15 anos de identificação do vírus ele possa finalmente ser combatido, porém, sem efetiva cura até os dias de hoje, esse fenômeno, ocasionou uma mudança na forma como a AIDS se insere como metáfora, diferente do que apontava Sontag, nesse novo panorama a doença é cada vez mais entendida como algo que possa infectar qualquer pessoa. Essa política pública de tratamento consolida-se ao final do ano de 1999 quando o então ministro da saúde José Serra⁶ do PSDB, aprova a criação de uma lei de medicamentos genéricos, o que reduz o custo desses medicamentos de maneira drástica, e mais adiante nesse trabalho, impacta de maneira muito positiva o acesso dos sujeitos aos medicamentos. Antes uma sentença de morte lenta e desgastante, o impacto do coquetel causa agora uma revisão do imaginário simbólico tecnológico das pessoas sobre a doença.

Esse impacto tende por ter um duplo direcionamento, se por um lado ele permite aos soropositivos lutarem por uma nova posição social diante do imaginário coletivo mais ou menos compartilhado, por outro tem por atrelar sua vida à uma política pública de estado, bem como uma certa negação de sua sexualidade e desejo,

⁶ Embora sancionada e de autoria de José Serra, medicamentos genéricos já eram ofertados anteriormente devido à decretos de Jamil Haddad, porém é após 1999 que a lei se amplifica e se torna universal no sistema de saúde do Brasil.

processo que já se mostrava anteriormente, mas agora a questão da prolongação da vida dos infectados, se torna um problema não só de saúde pública, mas também social. Se nas representações de Sontag aqueles acometidos de câncer seriam vítimas de uma doença assassina, e perderiam tanto a libido quanto o potencial sexual desejante e desejado, se os acometidos de tuberculose teriam metaforicamente no passado sido atrelados à uma maior sexualidade, desejo, e exuberância, os indivíduos infectados pelo HIV, carregariam o estigma da AIDS, a culpa cristã, a perversão natural da antropobiologia, e a forma não naturalizada⁷ de praticar atos sexuais, o fato da AIDS como ceifadora de vidas, era atrelado de várias maneiras ao comportamento sexual, e portanto moral à sociedade, dos sujeitos, o fim abrupto da condição obrigatória de AIDS, emerge uma nova classificação e distinção que faria de certa forma uma reificação do portador de AIDS, a saber: a do portador de HIV, e ou, Pessoa vivendo com HIV, mais tarde em meados do início do Séc. XXI, a das PVHA⁸ ou, pessoas vivendo com HIV e AIDS.

Para exemplificar as problemáticas dessa construção de indentidade por meio de uma nova biologia recorro à Haraway:

Estamos em meio à mudança: de uma sociedade industrial, orgânica, para um sistema polimorfo, informacional; de uma situação de “só trabalho” para uma situação de “só lazer”. Trata-se de um jogo mortal. Simultaneamente materiais e ideológicas, as dicotomias aí envolvidas podem ser expressas por meio do seguinte quadro, que resume a transição das velhas e confortáveis dominações hierárquicas, para as novas e assustadoras redes que chamei de “informática da dominação” (HARAWAY, Donna. Pág. 59 Antropologia do Ciborgue)

Haraway em seu manifesto traz um quadro explicativo que mostra as transformações de uma antiga ordem significativa, para uma nova, no qual os sujeitos estariam em transformações constantes e estes seriam ciborques, meio máquina, meio humanos, meio matéria meio informação, meio tecnologia meio

⁷ Naturalizada à sociedade heterossexista e cisgenera.

⁸ Sigla que representa Pessoas Vivendo com HIV e AIDS. Implementada para combater o estigma dentro e fora da área médica.

instinto, em seu quadro ela coloca alguns exemplos de transição desse processo que uso como análogo ao processo dos soropositivos anteriormente chamados de “Aidéticos” para “PVHA”:

Biologia como prática clínica	Biologia como inscrição
Eugenia	Controle populacional
Microbiologia, Tuberculose	Imunologia, AIDS
Público/Privado	Cidadania do tipo “Ciborgue”
Sexo	Engenharia genética
Patriarcado capitalista branco	Informática da dominação

Tabela 1: (HARAWAY, Donna. Pág. 59 e 60 Antropologia do Ciborgue)

Nesse sentido, entendo de maneira semelhante, porém não igual à Haraway, quando a autora coloca que a Imunologia se conecta à AIDS, reafirmo que as definições do vírus ainda seriam semelhantes à questão de outras ISTs, ou mesmo outras doenças infecto-contagiosas. Porém, as definições de mudanças simbólicas, estas sim, estariam ligadas a uma informática de dominação, e indo além de um reducionismo Foucaultiano de sociedade disciplinar x sociedade do controle, vi durante a pesquisa toda que ambas se cooperam, em outra dinâmica, esta sim, mais semelhante à exposta por Haraway.

Embora, toda esta pesquisa se relacione com transformações de simbologias sobre a sorologia para o HIV e AIDS, não há fatores isolados, eles se interconectam num modelo de informática da dominação de dispositivos de poder e sujeitos interagindo de formas individualizadas e ou coletivas em relação a esta informática, a emergência do tratamento evidencia o primeiro passo nessa nova forma de *identidade-devires*.

Nesse contexto os sujeitos PSPs tiveram que lidar com um panorama, não mais de morte inevitável, mas sim, de infecção com tratamento que prolonga-se a vida dos soropositivos á níveis ainda desconhecidos, a agencia de relacionamentos com estes sujeitos, bem como uma nova simbologia ainda crescente de socialização. Alguns homossexuais de idade superior à 40 anos entrevistados por mim em campo,

relataram terem perdido parceiros antes da implementação do esquema combinado de antiretrovirais, um deles se mostrou extremamente pesaroso sobre o fato de ambos terem descoberto a infecção juntos, mas devido à níveis de AIDS distintos, somente ele ter sobrevivido.

Os impactos dessas representações simbólicas sobre a doença foram determinantes para se forçar sobre subjetividades dos sujeitos em suas relações sociais, práticas foram mudadas por e pela doença, por e pela sua representação metafórica, e pelo estigma dos soropositivos.

6. A EMERGÊNCIA DA PREFILAXIA PRÉ EXPOSIÇÃO.

A pesquisa médica avança e em 2004 começam os testes de um medicamento que seria capaz de imunizar as pessoas soronegativas perante os vírus do HIV, a combinação de dois antirretrovirais, se mostra eficaz, e em 2010 os resultados mostram que a proteção utilizando somente esta forma de prevenção ao HIV chega há mais de 44%, utilizando-se de maneira correta ele chega há mais de 90%. O estudo IPREX, efetuado pela UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo obteve resultados que chegavam à 99% de prevenção.

O medicamento chamado TRUVADA é uma combinação de dois antirretrovirais; Emtricitabina e Tenofovir, fabricado pela empresa GILEAD, e foi primeiro aprovado nos EUA pela FDA e colocado à venda, embora de financiamento público, devido às leis de patentes e ciência fechada dos EUA, o medicamento tem valores muito acima da média de demais medicamentos de profilaxia, e por ser comercializado com preços elevados trouxe um impacto sociológico importante, é acessível somente aos sujeitos de classe média ou superior, que possam pagar. No site farmacêutico Drugs.com (<https://www.drugs.com/price-guide/truvada>), as doses variam de preços iniciais de \$59,22 à \$61,46. Já no Brasil a dispensa do medicamento é feita por meio do SUS-Sistema único de saúde, e se iniciou no ano de 2014 em fase de teste, atualmente é distribuído de acordo com diretrizes pré-estabelecidas de classificação de pessoas expostas aos riscos de infecção.

Embora como mostrado anteriormente, o vírus do HIV possa infectar qualquer pessoa, existe um universo simbólico de ligação da doença AIDS e consequentemente do vírus que a causa, com a população PSPs, evidenciado por Miskolci, por Simões e Fachinni, por Perlhonger, por Duque e Pelúcio, por Sontag, e também pela etnografia que fiz. Diante disso o Estado Brasileiro atribui diretrizes para a distribuição do medicamento, a saber:

No Brasil, em 2017, diretrizes do Ministério da Saúde priorizaram quatro segmentos: gays e outros HSH; pessoas transexuais; trabalhadores/as do sexo; e parcerias sorodiferentes, desde que tenham tido, nos últimos seis meses, relações anais ou vaginais

sem preservativo, episódios de IST recorrentes ou uso repetido de PEP. ZUCCHI, Eliana Miura et al . Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 34, n. 7, e00206617, 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000703001&lng=en&nrm=iso>. access on 14 June 2019. Epub July 23, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00206617>

Não entrarei na questão epidemiológica, pois é praticamente consenso que o recorte feito mostra vulnerabilidades dessas pessoas com práticas sexuais citadas ao vírus do HIV. Este trabalho não visa negar isso, mas sim mostrar as implicações sociológicas desta classificação. A ideia anterior de “Grupo de risco” foi substituída pela bibliografia médica por “comportamento de risco” e posterior “comportamentos vulneráveis”. Evidenciando as mudanças já citadas por Haraway na ordem social política, os sujeitos com o advento da PrEP (Profilaxia, pré-expositiva) passam a experimentar uma potencial condição estigmatizante semelhante à dos sujeitos soropositivos, e isso vai se evidenciar nas mais diversas formas de negociação e utilização dessas ferramentas de prevenção e tratamento

Portar e tomar medicamentos antirretrovirais pode fazer com que os usuários de PrEP sejam confundidos com pessoas com HIV, resultando em discriminação, como a relatada por um voluntário do Estudo Combina!, que teve dificuldades em uma alfândega por ter sido identificado como infectado pelo HIV, devido aos antirretrovirais que portava. Além disso, a percepção da PrEP como um método “essencialmente gay” pode limitar o uso em outros grupos, como prostitutas e usuários de droga. Finalmente, a associação da PrEP à promiscuidade e irresponsabilidade, sintetizados na expressão em inglês *truvada whores* (que veicula o estereótipo daqueles que encontram na PrEP um meio de empreender comportamentos de risco) pode resultar na estigmatização das pessoas que escolhem o método, tanto por parte de amigos e parceiros sexuais quanto de profissionais de saúde . ZUCCHI, Eliana Miura et al . Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 34, n. 7, e00206617, 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000703001&lng=en&nrm=iso>. access on 14 June 2019. Epub July 23, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00206617>

7. OS APLICATIVOS DE ENCONTRO E AS NOVAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO

Diante do exposto, retorno ao tema central deste trabalho, ou seja, as relações sociais entre sujeitos adultos classificados como PSPs no ambiente virtual. Como já apresentado tecnologias diversas influenciam as formas de socialização entre sujeitos, e no final da década de 90 assim como a emergência da combinação de medicações que trouxe o tratamento ao HIV, modificou em partes as subjetificações das PSPs, houve nesse período também um maior acesso a rede de computadores interligados, ou INTERNET (rede que surgiu de um esforço de estudantes universitários, e foi depois utilizada por militares, por fim sendo distribuída comercialmente na década de 90 do Séc. XX), ela foi decisiva para as mudanças subsequentes das formas de se relacionar das PSPs em geral.

Embora inicialmente com um recorte de classe social muito bem marcado, assim como todas as suas novas tecnologias de socialização anteriores e implicações posteriores, foi por meio desta que pela primeira vez indivíduos com desejos e identidade de gênero não condizentes com a heteronorma e a cisnorma⁹ puderam se encontrar em relativo anonimato. Esta dinâmica entre os controles sociais gera nos sujeitos uma dinâmica de valor atrela à uma série de condicionantes que estabelece-se numa forma de economia social de desejo, termo cunhado pelo Sociólogo Richard Miskolci e utilizado por mim nessa pesquisa. A saber:

[...] As novas gerações encontram nos aplicativos uma economia de abundância que induz à escolha do mais “bonito” ou “interessante”, mesmo para um encontro sexual fortuito, de forma que a geolocalização apenas adiciona o critério da proximidade na seleção. Os aplicativos se revelam descendentes diretos de outras plataformas de socialização online, em especial os sites de busca de parceiros e os já quase abandonados bate-papos. Nessa espécie de linha evolutiva das plataformas se mantém a possibilidade de seleção como o grande atrativo. (MISKOLCI 2016, pág.34).

⁹ Heteronorma são os conjuntos de dispositivos legais, sociais, morais, e religiosos que validam somente a heterossexualidade como natural, válida ou desejável, Cironorma são os conjuntos de dispositivos legais, sociais, morais, e religiosos que validam somente a adequação ao gênero atribuído aos sujeitos ao nascer.

Este processo de dinamização não começou hoje, vem na história sendo aprimorado desde o advento dos telefones, passando pelos fax, computadores, e hoje em dia evidenciado pelos celulares e *smartphones*¹⁰. Embora seja tentador fazer um apanhado histórico complexo sobre a gradual penetração dessas tecnologias de socialização entre as PSPs, este estudo não daria cabo de fazê-lo, opto então por focar de maneira sucinta em como ela se deu em termos gerais.

Com a popularização da internet sem fio e posterior internet via satélite hoje se presume que a maior parte das pessoas de classes sociais diversas tenha um ou até dois *smartphones*¹¹, tendo em média mais de uma linha telefônica de contato, estes aparelhos via de regra acessam a internet e possuem GPS¹² integrado.

Com a demanda cada vez maior por celulares inteligentes, o estudo se foca nos principais em números de usuários, embora fosse tentador me debruçar sobre vários, optei por condições de factibilidade por analisar os três maiores em números de *downloads* que são; *Grindr*, *Hornet*, *Scruff*, e em menor escala o *Tinder*¹³ o primeiro e com maior número de *downloads* é o *Grindr*¹⁴ que segundo reportagem do portal R7 existe desde 2008, lançado comercialmente em 2009 sendo primeiro desenvolvido para os aparelhos da empresa *APPLE*, e *Blackberry*, e hoje o maior e disponível nas principais plataformas de aplicativos das companhias de telecomunicações *APPLE*, e *Google*. O segundo colocado *Hornet*, criado em 2011, conta no ano de 2019 com mais de 25 milhões de usuários ao redor do planeta.

Concentrei meus esforços de análise mais aprofundados sobre a relação entre *GRINDR* e *HORNET* pelo motivo de que embora surgirem em períodos historicamente semelhantes, possuem arquiteturas diferentes, bem como estarem,

¹⁰ Telefones celulares inteligentes que tem funções mistas de telefones e microcomputadores de mão

¹¹ Do inglês Celulares Inteligentes, ou seja, comunicadores que mesclam várias funções, e possuem grande capacidade de produção, recepção, e consumo de dados.

¹² Do *Global Position System* Sistema de posicionamento global.

¹³ Tinder entra de maneira relativamente superficial no estudo, devido ao fato de ser utilizado pela população em geral, embora com uma tecnologia de socialização diferente entre sujeitos heterossexuais e homossexuais e bissexuais, os primeiros o utilizam para encontrar parceiros e parceiras para encontros e possível sexo, os segundos via de regra utilizam buscando encontrar parceiros para mais de uma noite, possivelmente devido ao fato de haver os outros aplicativos direcionados à sexo e encontros.

¹⁴ Mais de 10 milhões em 2019.

assim como os outros, mas em constante mudança de forma e de maneira de utilização.

Acompanhando de maneira imersiva os aplicativos, foi verificado que até a data de 2014 o estado sorológico para HIV era uma informação extra perfil, ou seja, se o usuário não a colocasse, não haveria nenhum campo descritivo nos aplicativos para a sua utilização. Após a data, o status sorológico passa a ser uma das formas de informações disponíveis aos demais usuários na arquitetura de montagem dos perfis, e embora o preenchimento verídico não seja obrigatório nem tenha formas de se comprova-lo, a criação desta característica como um dos descritivos de perfil, cria num ambiente econômico de desejo, mais uma característica de seleção.

Anteriormente facultado às pessoas exporem ou não, a uma nova forma de se colocar e se construir como identidade esta nova arquitetura de usuários, cria um ambiente direcionado ao saber o estado sorológico para HIV dos sujeitos que utilizam estes aplicativos.

Ambos os aplicativos num espaço de dois meses entre eles, sendo o Hornet o primeiro, seguido pelo GRINDER, possuíam em 2014, as opções de não se colocar o estado sorológico, colocar estado sorológico positivo, ou estado sorológico negativo.

Nesse sentido, é criado no ambiente de socialização entre os sujeitos, máquinas e sujeitos, uma classificação, diferente do que aconteceria fora dele. Se em encontros face à face a sorologia se tornasse um dos assuntos dependeria de uma das partes cita-las, tendo visto que não é possível checar o estado sorológico *á priori* ao apenas olhar, essa mudança implica uma reconfiguração da economia social do desejo apresentada, na qual o estado sorológico bem como seu caráter estigmatizante se torna agora um pré requisito nas tecnologias de socialização. Nas observações iniciais, a adesão foi pequena, sendo posteriormente e gradativamente cada vez maior.

Esse fenômeno faz parte da constante crescente dos ambientes virtuais e empresas de tecnologia por buscar, acumular, e catalogar informações. Num

ambiente no qual exista a opção de colocar o estado sorológico, uma adesão a essa forma de mais da metade dos perfis, coloca aqueles que não a possuem em desvantagem de informação, ou seja, nas buscas direcionadas, seus perfis não são carregados, aqueles que procurarem por sorologia não encontrará os perfis daqueles que não possuem a informação, fazendo assim com que se crie dentro do ambiente virtual, uma urgência de se colocar as informações para que seus perfis apareçam.

Esta prática de seleção dos parceiros prévia por estado sorológico embora seja objeto de crítica sociológica neste trabalho é prática comum e incentivada pela epidemiologia como podemos ver à seguir.

[...]Serosorting poderia ser traduzido para o português como a escolha do parceiro pelo status sorológico. Foi desenvolvido na década de 80 e consistia na escolha de parcerias sexuais que tenham o mesmo resultado da sorologia para HIV que você, para ter sexo sem preservativo. A estratégia nasceu da ideia de que alguém que não tem HIV não pode transmiti-lo para outras pessoas. E, mesmo se as duas pessoas do casal já vivem com HIV, haveria "menos problemas" numa eventual transmissão de vírus entre elas.[..]. – VASCONCELOS 2018
<https://ricovasconcelos.blogosfera.uol.com.br/2018/08/24/conheca-o-serosorting-mais-uma-ferramenta-de-prevencao-do-hiv/?cmpid=copiaecola>

O medo da AIDS pode ter perdido a intensidade do auge de mortalidade pela epidemia, mas permanece em uma espécie de relacionamento negociado e constante com o perigo de positivar. Muitos de meus colaboradores afirmam que o número de soropositivos na cidade chega a dois em cada cinco gays, o que os faz pensar que se tornar soropositivo morando em San Francisco é apenas uma questão de tempo. As interações nos aplicativos – diferentemente de um contexto como o paulistano – são entremeadas por perguntas sobre status sorológico, prática de sexo com camisinha e data da última testagem, o que configura uma prática que Kane Race (2007) denomina de serosorting: a escolha de parceiros segundo seu status sorológico.” (MISKOLCI 2016 apud KANE RACE 2007)

Miskolci ao identificar o fenômeno em seu trabalho, tem um viés menos entusiasta do que Vasconcelos, o saber sociológico acumulado do tema, traz questionamentos válidos à prática, embora ela traga benefícios na redução do número de infecções identificado como estudos como “*Serosorting and HIV/STI Infection among HIV-Negative MSM and Transgender People: A Systematic Review and Meta-Analysis to Inform WHO Guidelines*” *J Sex Transm Dis.* 2013; 2013: 583627 a prática tem complicações sobre o controle social no qual os sujeitos se

inserir, bem como no domínio sócio técnico das nomenclaturas e formas de seleção.

Isso significa que, antes alheios à urgência de informação, com o passar dos anos os usuários começam a serem incentivados diretamente a preencherem seus perfis com mais e mais informações, e esta em específico que é tema deste estudo, traz impactos sociológicos amplos sobre instituições, sujeitos, e socializações. Embora observado por Miskolci que características como renda, classe, masculinidade e suas representações subjetivas sejam extremamente relevantes para a alocação dos sujeitos dentro da economia social do desejo, o estado sorológico para o HIV representa muito mais do que apenas um dado biológico, carrega consigo uma metáfora da AIDS como diria SONTAG, ainda que em menor escala do que no auge da pandemia sem tratamento, hoje, ao utilizarem essas tecnologias, as PSPs, tendem a expor não só suas formas de se relacionar em relação à isso, mas também à forma como as empresas se relacionam com esses dados, bem como o Estado, e instituições médicas e farmacológicas.

A transformação gradual nos aplicativos de: informação autoafirmada, para afirmação opcional, traz impactos diretos no alcance e acúmulo de dados, a privacidade dos sujeitos, apesar de garantida pelas empresas que criaram e mantêm estes aplicativos fica em risco, e práticas ideais para as instituições são facilmente questionadas. E elas não são nem neutras, nem espontâneas, muito menos apolíticas, são formuladas e reformuladas por programadores das empresas citadas e estudadas, em constante relação com o fluxo dos dados alimentados e observados nos mesmos aplicativos.

Esta transformação, não é, contudo, um fenômeno social homogêneo, ela varia de acordo com as regiões e valores culturais, educacionais, e morais de cada sociedade, a prática do *Serosorting* embora com uma boa adesão em determinados locais e estratos sociais, ainda aparenta ser muito distante da realidade Brasileira.

8. SOBRE A SEGURANÇA DOS DADOS E SEUS IMPACTOS SOCIOLOGICOS.

Como já exposto nessa pesquisa, à construção das identidades dos sujeitos atreladas ao HIV ou em relação a elas está em constante disputa e transformações. Nesses ambientes virtuais, a forma como os sujeitos alimentam essas plataformas parece ser decisiva no processo de seleção que as máquinas fazem destes nas buscas, bem como no que os sujeitos buscam.

Esse contingente de fluxo de dados é incentivado pelas empresas que fabricam os aplicativos, o SCRUFF, por exemplo, dá possibilidade ao usuário de liberar mais 50% de perfis nas buscas, se o usuário preencher completamente o perfil, o GRINDR tem a mesma opção, bem como o HORNET, tudo é criado por programadores que buscam preencher mais e mais dados sobre seus clientes e para seus clientes.

Sobre seus clientes entendo que sejam os usuários, e para os clientes entendo como os anunciantes, os três aplicativos acessam os dados de GPS dos telefones, e registram a localização aproximada dos usuários, e com base nelas bem como em alguns filtros à escolha dos usuários classificam previamente, posturas sexuais, etnias, e interesses são quantificados e traduzidos da dinâmica sociológica para a lógica de programação buscando atender ainda mais a economia social do desejo, tema já exposto, cabe agora uma reflexão no porque e para quem.

Alvo de críticas desde suas implementações, estes aplicativos recentemente tiveram quebra de privacidade dos usuários em diversas oportunidades, selecionei algumas mais impactantes.

Com mais de três milhões de usuários ativos, o **Grindr** admitiu uma falha na sua Interface de Programação de Aplicativo (API) que permitia que até mesmo usuários sem conhecimento avançado de tecnologia tivessem acesso a informações como localização, e-mail, fotos já apagadas do aplicativo e até o status de HIV de outros usuários.

A falha foi descoberta por Trevor Faden que teve a ideia de criar um site (chamado C*ckblocked, já fechado) no qual usuários podiam checar se alguém havia bloqueado seus perfis no app. Nele, bastava preencher os campos de login e senha usados na plataforma para descobrir sobre o

block, mas o criador percebeu que ao realizar essa pesquisa no banco de dados do aplicativo, outras informações que deveriam ser sigilosas também eram retornadas.

Fonte: Tecnologia - iG @ <https://tecnologia.ig.com.br/2018-04-03/vazamento-aplicativo-paquera-grindr.html>

Embora a primeira ação dos executivos das empresas, seja de afirmar que não vendem dados dos usuários, a simples quebra de privacidade devido ao uso não criptografado dos dados, já traz um problema ético e sociológico, ético devido ao fato de a grande maioria dos usuários não terem noção de que seus dados são passíveis de utilização por terceiros, e sociológico, pois demonstram que a segurança do direito à privacidade estabelecida em cartas antigas como a Bill of Rights inglesa, ou a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, bem como na Constituição Federal Brasileira, não são respeitados.

Essas implicações são muito complexas, devido à emergência recente dessas tecnologias de socialização, empresas muitas vezes localizadas nos EUA, e presentes em vários países tendem a não ser facilmente reguladas pelo controle social institucionalizado dos Estados, à começar em primeiro momento nem bases no Brasil possuíam, portanto a cobrança e responsabilização destas empresas se mostra árdua e dura de ser feita pelo Estado e suas instituições regulatórias. No Brasil, por exemplo, temos o marco civil da internet Lei 2.965/2014 assinado em 2014, que garantiria a neutralidade da rede de computadores e celulares, bem como reforça o princípio constitucional de privacidade na correspondência das pessoas. Porém mesmo assim as empresas destes aplicativos bem como a arquitetura na qual são feitos, per si, apresenta problemas para regulação do Estado, à saber alguns tópicos que dificultam:

- Ao estarem em constantes atualizações, eles modificam as suas assinaturas e regulações prévias constantemente;
- Falta ao Estado brasileiro conhecimento técnico para averiguar e analisar as plataformas de aplicativos;

- Falta conhecimento da maior parte dos usuários de seus direitos de privacidade, e quando há, existe a questão de subjetividades atreladas à sexualidade, gênero, e estado sorológico serem dados sensíveis, nos quais possíveis denúncias de tais empresas, acabam por expor seus usuários;
- Embora aqueles que tenham estado sorológico negativo para HIV busquem expor estes dados, aqueles que não o possuem, tem um duplo ônus em denunciar as empresas e cobrar o Estado.

Na etnografia imersiva, foi percebido, uma mudança nos anunciantes dos aplicativos, no início em 2012 em sua grande maioria se apresentavam empresas de serviços as PSPs, festas, casas noturnas, serviços de depilação e afins, e mais recente após 2014 grandes companhias farmacêuticas e governos e Estados.

Na data de 25/06/2019, por exemplo, há mensagens endereçadas nos dois perfis que utilizei no aplicativo HORNET, oriundos de companhias e governos, um deles é sobre o Estudo da PrEP injetável, o outro sobre a importância de testagem para o HIV (e posterior complementação do perfil), embora iniciativas como estudos de prevenção e combate ao vírus do HIV sejam per si, iniciativas que a maioria dos usuários apoiam, o problema se dá na privacidade dos perfis. Como utilizei dois perfis de usuário, percebo que no que consta estado sorológico “negativo em PrEP”¹⁵, no outro perfil que não consta estado sorológico algum, não recebi mensagem alguma sobre estudos, mas sim, um texto da companhia HORNET falando sobre a importância do teste para o HIV.

Como já apontava Sontag, o HIV ocupa não só o lugar de uma doença como qualquer outra, mas sim um locus social de metáfora, tendo em vista isso, é de se estranhar que em mais de cinco anos de etnografia imersiva, não recebi em momento algum em qualquer um dos perfis dos três aplicativos, quaisquer informações ou pedidos de testagem para HCV, HTLV, Sífilis, ou outras ISTs¹⁶, isso denota que mesmo mais de trinta anos do brilhante livro da ensaísta Estadunidense,

¹⁵ Uma das opções do aplicativo, as outras, a saber, são: Positivo, Positivo Indetectável, e Negativo.

¹⁶ Infecções sexualmente transmissíveis.

o HIV, e a AIDS ocupam o tema central da imagética metafórica de doença atrelada à moral. As implicações disso mostram que além de ser um dado desejado e concorrido por empresas, governos e usuários, o estado sorológico para o HIV ainda se afirma como superior sociologicamente em relação a outras ISTs.

A prática de invasão do espaço privado dos usuários é cada vez mais incentivada, a superexposição de dados, sejam quais forem, principalmente os dê e sobre HIV, é atrelada ao discurso médico de “Empoderamento”, “Autocuidado”, individualizando a luta por uma pandemia, porém a privacidade desses dados é cada vez mais atacada e destituída de direito, se tornando pouco a pouco um produto a ser comercializado por companhias, e ou, assegurado por outras, sempre colocando os direitos dos soronegativos acima dos dos soropositivos, abordarei em capítulo posterior melhor estas questões.

Em matéria do site “comunicaquemuda”, mostra o ministério da Saúde do Brasil, utilizou uma série de perfis falsos nos aplicativos de relacionamento, com foco no TINDER, dizendo que gostavam de sexo sem preservativo, para quando pessoas dessem “*match*”¹⁷ o perfil exibir um anúncio do ministério, avisando dos perigos do HIV e da AIDS.

Para atingir aqueles usuários que usam o aplicativo que estão principalmente à procura de sexo casual, a ação criou cinco perfis falsos de homens e mulheres supostamente à procura de relações sexuais sem compromisso e sem camisinha. “Está à procura de um homem ou mulher para um sexo sem compromisso e, de preferência, sem camisinha?”, era a descrição em um dos perfis, atraindo diversos interessados esperando por um *match* (termo utilizado pelo aplicativo quando o interesse é mútuo e pode acabar em um encontro real).

No momento que o interessado interage e curte o perfil do *fake* é surpreendido por uma mensagem que avisa sobre os riscos do sexo desprotegido. “*Atenção. É difícil saber quem é ou não portador de HIV. Curta. Mas se cuide. Essa é uma campanha do Ministério da Saúde.*”

Segundo o site da Agência Brasil, o ministro da Saúde Arthur Chioro explicou que a campanha faz parte de um conjunto de estratégias adotadas pelos ministérios para combater o avanço da epidemia da AIDS, que também inclui a realização de testes rápidos e tratamentos imediatos. É importante lembrar que a infecção pode ser contida ao iniciar um tratamento

¹⁷ Do inglês, conexão, ligação. Quando duas pessoas se interessam pelos perfis de da outra, elas entram em ligação pelo “*match*”

com antirretrovirais imediatamente após a transmissão do vírus. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/hiv-tinder/>

Embora esse tipo de política pública seja constantemente pensado, ele em termos gerais, ignora a privacidade dos sujeitos, seu espaço de negociação com relação a seus medos, à sua noção de autocuidado, e principalmente ao seu desejo, presumir que quem faça sexo sem preservativo esteja buscando contrair HIV é um pensamento imbrincado na moral médica do começo do século XX, um julgamento moral epistemológico, e um perigo para os direitos das pessoas, bem como para efetividade de políticas públicas, tornam-se não políticas que buscam combater um vírus, mas sim regular e controlar práticas sociais e moralizar sujeitos e práticas.

Neste contexto, empresa TINDER, saiu rapidamente em defesa da privacidade de seus usuários e banuiu os perfis criados pelo ministério, porém, sem compensar de qualquer maneira aqueles que foram atacados com esse tipo de abordagem, ou criar meios nos quais o ministério não pudesse repetir as ações futuramente.



Figura 1: Tradução livre: “Nós estamos apagando os perfis por eles violarem nossos termos de serviço. Vocês não estão autorizados à fazer essas campanhas no TINDER.”

Rosette Pambakian, vice-presidente de comunicação corporativa da rede social informou usou o seu perfil no Twitter para avisar que o Ministério da Saúde violaram os termos de serviço do **Tinder** e os perfis falsos seriam removidos. A campanha ficou no ar apenas entre os dias 23 de janeiro e 1º de fevereiro. O Ministério da Saúde alega que a campanha não é um anúncio publicitário nem tem fins comerciais

Essa não foi a primeira campanha que utiliza o Tinder para conscientização do perigo do sexo desprotegido. Um anúncio desenvolvido pela agência israelense **Great** em parceria com a organização sem fins lucrativos **AIDS Task Force** criou em 2014 perfis falsos de mulheres no Tinder, com fotos onde estavam acompanhadas de diversos homens. Ao curtir o perfil uma mensagem surgia: “Você provavelmente não é o único encontro dela. Use camisinha.” Esta campanha, no entanto, recebeu críticas por utilizar perfis destacando apenas mulheres com múltiplos parceiros

Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/hiv-tinder/>

A empresa TINDER, assim como as GRINDR, HORNET, SCRUFF, e todas as outras que trabalhem com aplicativos de relacionamento se mostram em busca de garantir aos usuários que seus dados são protegidos, e que o ambiente seria de usuários para usuários, porém, não verifiquei isso na imersão, visto que, as companhias, são empresas comerciais, e devido ao fato de não terem transparência em suas arquiteturas acabam por terem a possibilidade de vender os dados dos usuários à outras empresas, e governos, e como um banco de dados rico em comportamento, geolocalização, horários de atividades e práticas sexuais, bem como acumulando todo o fluxo de conversas dos usuários, toda essa rica informação é cobiçada na busca de gerar ainda mais capital para empresas e governos, bem como em controlar, catalogar, e controlar o comportamento dos sujeitos atrelados, principalmente por lidarem diretamente com questões de ordem sensível.

Nesse panorama os dados dos usuários simples, são cada vez mais comercializados, entre companhias, e a forma como eles vão se sobrepondo à novas formas de captação e utilização desses dados pelas companhias de aplicativos vão dando forma à uma nova forma de tecnologias de socialização, marcadas pela exposição em detrimento à privacidade, embora ela apareça em seus termos de uso, e avisos prévios antes de utilização.

Em termos gerais, essas arquiteturas ao formular esquemas nos quais, quanto mais alimentadas, maior acesso a perfis os usuários tenham, incentivam a complementariedade de preenchimento de dados, muitas vezes sensíveis, sem oferecer aos usuários à devida privacidade esperados, nem alguma reparação caso seus dados sejam expostos, isso reforça a análise de pensadores como Foucault, o poder controlador se sobrepõe ao poder disciplinar, e os sujeitos dentro dessa lógica acabam por lidar com a falta de privacidade se expondo mais e mais, mesmo num

ambiente no qual historicamente como apontam Miskolci e Pelúcio a discrição, e a não exposição sejam valores a serem buscados. Nesse panorama, cria-se por meio da arquitetura dos aplicativos, cada vez mais, não só se intensifica uma economia social dos desejos, mas também uma economia tencomediada dos dados e informações, por muitas vezes sensíveis dos sujeitos em relação.

Assim como aponta Jhonathan Crary em *Capitalismo Tardio e os fins do Sono*, “O sonhar e o dormir seriam as ultimas fronteiras ao capitalismo, ele (o capitalismo) tenta estudá-las, compreendê-las, controlá-las e catalogá-las”, neste sentido as práticas dos sujeitos atreladas à sexualidade também são uma fronteira, embora o desejo seja por diversas formas algo instintivo e intrínseco a seres humanos, a forma na qual se expressa e se direcionada vai ser e ter atrelada diversas formas de imbricações sociológicas, não sendo social determinista, muito pelo contrário, a noção de desejo socialmente construído e em construção, nos traz também a possibilidade de desconstrução, essa (des) construção é evidenciada por Miskolci, e pela etnografia que fez, o uso constante e crescente dos aplicativos, evidenciados pela cada vez maior base de usuários, oferece amplas possibilidades à sociedade capitalista para a catalogação e colonização destes dados, e destas tecnologias, tendo como principal barreira à isso a privacidade ainda que bem difundida e em ataques diretos e indiretos dos sujeitos usuários destes aplicativos.

9. DAS REGRAS APLICADAS PELOS CRIADORES DAS PLATAFORMAS PARA A SUA UTILIZAÇÃO.

Os aplicativos possuem em termos gerais regras distintas de utilização, elas são formuladas de acordo com normas nas formas das leis, em regras sociais, e em um planejamento para abranger a maior possibilidade de utilização dos usuários pelos aplicativos, (independente de qual localização estejam) estas regras não necessariamente se convertem na utilização real dos usuários, nem das fabricantes destes, embora sejam desejadas pelas companhias que os criaram, transcrevo nessa etapa alguns trechos delas para reflexão e seus impactos na economia social do desejo em relação à sorologia para HIV.

GRINDER

O Grindr é uma comunidade global, e temos o compromisso de criar um ambiente onde florescem a diversidade e a inclusão. Buscamos usuários que joguem limpo e tratem aos outros com respeito. Não buscamos usuários que discriminam, disseminam ódio ou que interagem em outras formas de comportamento tóxico. Essas diretrizes existem para que você se expresse livremente, enquanto também nos ajudam a manter o ambiente seguro, autêntico e receptivo que procuramos cultivar. Qualquer violação destas diretrizes poderá resultar na remoção de conteúdo proibido ou no banimento permanente do Grindr.

Trate aos outros usuários do Grindr com respeito.

Temos uma política de tolerância zero para discriminação, assédio e comportamento abusivo. Desejamos que seja você mesmo, mas não às custas de outra pessoa. Qualquer um que for flagrado cometendo bullying, ameaça ou difamação contra outro usuário será banido.

Também removeremos qualquer declaração discriminatória exibida em perfis. Você é livre para expressar suas preferências, mas preferimos saber sobre o que gosta, e não sobre o que não gosta.

Se você flagrar alguém quebrando as regras, denuncie utilizando o botão [ícone bloquear/denunciar] localizado no canto superior direito do respectivo perfil, e nós continuaremos a partir daí. Também é possível que encontre pessoas no aplicativo que o magoam ou ofendam, sem necessariamente violar nossas diretrizes. Nesses casos, recomendamos utilizar o recurso de bloqueio, impedindo que você e o outro usuário vejam um ao outro ou que tenham um futuro contato... Disponível em <https://www.grindr.com/br/community-guidelines/?lang=pt>

HORNET

Diretrizes de Perfil

Agora, focamos no perfil em si. Itens que NÃO são permitidos em nome de perfil, título de perfil, descrição, etc., incluindo, mas não limitados a:

Texto referente ao tamanho dos genitais ou à descrição deles ou de atos sexuais.

Texto sexualmente explícito ou excessivamente sugestivo.

Comentários de desprezo ou ofensa ao Hornet ou a outra pessoa.

Textos racistas, sexistas, homofóbicos, sorofóbicos, transfóbicos ou que discriminem portadores de necessidades especiais no seu perfil.

Propaganda de serviços, artigos, eventos, sites ou aplicativos. Isso inclui a menção de massagens e serviços de acompanhante.

Menção a drogas ilegais ou texto referente a “festas” com este contexto.

Profanidades ou palavrões, incluindo abreviações e palavras mascaradas ou com letras trocadas por símbolos.

Texto que mostre preferência discriminatória baseada em idade, identidade de gênero, gênero, raça, nacionalidade, cor da pele, etnia, porte de necessidades especiais, estado HIV ou formato ou tamanho de corpo...

Disponível em: <https://hornet.com/about/usage-guidelines/guidelines-pt/>

SCRUFF

TEXTO INAPROPRIADO

Nenhuma obscenidade ou profanidade no nome do perfil (inclusive abreviaturas).

Nenhum texto com intenção de ameaçar, intimidar, atormentar, difamar ou insultar outra pessoa.

Nenhum texto que provoca o racismo, a intolerância, o ódio, ou dano físico de qualquer tipo.

ADVERTISING / SOLICITATION

Nenhuma publicidade de serviços, bens, eventos, websites ou aplicativos.

Nenhuma publicidade de mensagem ou serviços de acompanhamento (escort, programa).

Nenhum número de telefone ou nome de usuário das redes sociais no nome/texto do seu perfil.

Disponível em: <https://support.scruff.com/hc/pt-br/articles/360000586373-Diretrizes-do-Perfil>

Percebemos que o que as empresas desejam que se faça pelos usuários não é necessariamente o que eles irão fazer, e para regular isto, além de uma vistoria prévia em fotos como os três apresentam, também há o controle social difuso, ou seja, eles contam que os sujeitos se denunciem entre si, tudo em nome de boas práticas de uso, porém na etnografia pude perceber algumas incoerências.

O HORNET, por exemplo, não permite que a palavra “Leite” seja colocada em evidência nos perfis, no Brasil “leite” em geral é usada pelas PSPs para se referir à esperma, e muitos usuários tem em seus desejos e fetiches tanto o sexo sem preservativo, principalmente o oral, como outras práticas envolvendo esperma, mesmo o esperma em geral ser o fruto de relações sexuais entre PSPs, seja por uma ou por ambas as partes.

O GRINDER diz não permitir sentenças discriminatórias, mas tanto a etnografia feita por mim, como a feita por Misckolci ou Duque, apresentam uma série recorrente de afirmações de sujeitos que dizem não querem alguém afeminado, ou mesmo, sujeitos que procuram parceiros “Saudáveis” ou “Higiênicos” apenas, isso remete ao termo “Sarado” que emergiu durante a década de 90 para falar dos homossexuais que não contraíram o HIV e por conseqüente AIDS, a higiene em geral se refere a sujeitos que façam asseio corporal, e sejam soronegativos para o HIV, reforçando ainda mais a forma de seleção prévia na economia social do desejo.

O SCRUFF por outro lado diz que não é permitido obscenidades nos perfis, mas o conceito de obsceno é moral per si, o que é obsceno em determinado local ou para um grupo de pessoas, não o é, para outros. Essas práticas pedidas, bem como o sistema de denúncia pouco transparente, faz com que perfis que se mostrem fora das normas médicas, morais, comportamentais, constantemente são denunciados e excluídos. Embora possam fazer novos perfis toda socialização anterior, contatos salvos, conversas e troca de imagens e textos têm de ser refeita, alimentando ainda mais o banco de dados destas empresas.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de conclusão de curso é preliminar e busca evidenciar ao leitor acadêmico e não acadêmico a problemática da utilização de aplicativos de relacionamentos para PSPs, com enfoque nas questões sensíveis de seus dados sobre sorologia para HIV, durante a pesquisa pude ter contato com o que de mais recente e emergente há na sociologia que estude esses temas. Bem como em textos de outras áreas, e percebi que além da discrepância entre as áreas, muito por buscarem objetos diferenciados, também há problemas epistemológicos de ordem moral imperantes no estado da pesquisa sobre. A forma como conduzi as leituras, muitas vezes trazendo textos considerados anacrônicos ao panorama atual, como os de Sontag ou mesmo de Harraway, não o fiz, sem considerar a transposição histórica deles, muito foi mudado desde 1980, e creio que daqui cinco anos esse estudo, mesmo que preliminar, não baste para introduzir o leitor sobre o tema aqui exposto.

Isso se dá pelo fato destas tecnologias estarem em constante transformação, não só pela ação direta dos sujeitos que as utilizam, mas também dos sujeitos e das companhias que as programam, idealizam e constroem. Dados iniciais da minha etnografia imersiva, em sua maioria, se mostraram não mais verificáveis no atual panorama, os aplicativos mudaram, as práticas mudaram, e a forma de controle pouco a pouco vai mudando.

Foi averiguado, também, a diferente forma de assimilação e reinterpretação dessas tecnologias em diferentes países, como Miskolci aponta as diferenças e similaridades de uso em São Francisco e São Paulo, percebi durante a estadia na França e Portugal por três semanas entre 2018 e 2019 que as formas de utilização são diferentes das de São Paulo. Devido á esforços para a utilização de PrEP, bem como em campanhas constantes de conscientização sobre o fato de que indivíduos HIV positivos em tratamento e carga viral¹⁸ indetectável não transmitem os vírus ¹⁹ mesmo fazendo sexo sem preservativo, e sendo insertivos ou receptivos, trouxe nos países citados, uma melhor abrangência do uso das categorias positivos indetectáveis nos aplicativos.

¹⁸ Carga viral é a quantidade de vírus do HIV presente no sangue e fluídos dos soropositivos, o tratamento correto reduz até níveis menores do que as tecnologias de detecção consigam encontrar.

¹⁹ Ver estudos PARTNER 1 e PARTNER 2.

Ressalto que tanto Portugal como a França ofertam o tratamento de maneira gratuita aos seus cidadãos, assim como o Brasil, mas mesmo em países que cobram valores altos em relação ao tratamento como pela PrEP, como os Estados Unidos da América, a prática de selecionar os parceiros pelo estado sorológico se mostra mais abrangente do que no Brasil, fato evidenciado por Miskolci, isso se dá pela forma como o controle social institucional foi decisivo no Brasil para o controle da pandemia em 1996, porém este mesmo controle, acabou por moralizar a questão, enquanto medicamentos preventivos ao HIV já eram distribuídos na França, Portugal e EUA, aqui no Brasil eles começam a ser distribuídos amplamente e não em caráter de estudo pelo SUS somente em 2016.

Buscar analisar sociologicamente fenômenos sociais atrelados à sexualidade tende a colocar o estudioso em contato direto e constante com o que é produzido na área médica, isso evidencia uma permanência apontada por Foucault do “Biopoder”, que, embora questionado, é ainda um campo de estudo válido, embora não dê cabo de toda a reflexão; instituições como a medicina, embora produzam discursos que moralizem e influenciem no controle social institucional, tem hoje menor influência no controle social difuso, (aquele feito por e para os sujeitos atrelados às suas subjetificações), nesse sentido, pensando em Foucault, refletiria sobre o “Tecnopoder”, no qual cada vez mais as relações sociais, entendidas, direcionadas, e orientadas a uma forma tecnocrática de justificações, práticas, e defesas identitárias em disputa, se insere.

Por fim, reconheço os potenciais transmodificadores das novas descobertas das tecnologias de prevenção em relação às tecnologias de socialização, bem como das tecnologias da comunicação e computação em modificar estas. Todas estão interconectadas, se no passado o comportamento sexual era socialmente mediado, concluo com este trabalho que hoje, no que se refira à PSPs, mesmo que as PSPs não tenham conhecimento deste, o comportamento é tecnomediado, seja pelo uso de aplicativos, de sites, de redes sociais, de geolocalização, de consumo e propagação de informação sobre prevenção, tratamento, e direitos. Seja mesmo em relação a sujeitos que não os utilizem, mas têm em sua socialização modificada por

aqueles que os utilizam²⁰. A esfera tecnológica nos transpassa a vida cotidiana, não deixando nada para trás do jeito que já foi, ou ao menos semelhante, ela se reinscreve no simbólico dos sujeitos, ela se reinscreve no político dos sujeitos, e ela modifica de maneira relativamente programável, desejada, e castrativa, suas tecnologias de socialização e relacionamento entre si.

²⁰ Cito como exemplo do desfinho de zonas de Cruising públicas evidenciado por Miskolci em “Desejos Digitais”, e exemplos na cidade de São Paulo observados na etnografia imersiva, espaços antes utilizados pelas PSPs para se encontrarem, foram gradativamente perdendo o uso, embora outros fatores sejam corresponsáveis, como uma maior aceitação LGBT em geral na sociedade paulista, é inegável o impacto dos aplicativos, principalmente em relação à homens heterossexuais que façam sexo com homens, e outros sujeitos que buscam discrição. Ver o capítulo “Macho e Brothers” do livro de Miskolci.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Maria C. & PAIVA, Vera Sílvia Faciolla: Territórios do Desejo e Vulnerabilidade ao HIV, entre Homens que Fazem Sexo com Homens: Desafios para a Prevenção temas em psicologia 2013 vol021, nº3

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 18, n. 1, p. 161-167, Mar. 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100019&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Dec. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392004000100019>

CRARY, Jhonathan: Capitalismo Tardio e os fins do Sono ed. Cosac Naifi 2014

FOUCAULT, Michel: A microfísica do poder. Editora Graal
_____ História da sexualidade 1,2,3 Editora Graal.

HARRAWAY, Donna: Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

LEVY, Pierre: O que é virtual, Editora 34, 2003

_____ Cybercultura, Editora 34, 1999

MELHADO, Rodrigo: Vitrine do Desejo: Masculinidades e Visibilidade homoerótica nas mídias digitais de busca de parceiros online. *Áskesis | v. 4 | n. 1 | janeiro/junho - 2015| 118 – 129*

MISKOLCI, Richard. Networks of Desire: the specter of aids in the secret search for same sex partners in São Paulo. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, vol. 10, n. 1, Florianópolis, ABA, 2013, pp.40-70. _____.

San Francisco e a Nova Economia do Desejo. *Lua Nova – Revista de Cultura Política*, nº 91, São Paulo, CEDEC, 2014a, pp.269-295. _____.

Negociando Visibilidades. *Bagoas*, vol.8, Natal, UFRN, 2014b, pp.51-78.

DESEJOS DIGITAIS: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.

Corpos elétricos : Estranhos no paraíso, notas sobre o uso de apps de busca de parceiros sexuais em São Francisco, *São Carlos, Revista Estudos Feministas* _____

Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line.

PARRA, Henrique Z.M. (2012). Controle social e prática hacker: tecnopolítica e ciberpolítica em redes digitais. *Sociedade e Cultura*, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiânia, v. 15, n. 1, p. 109-120, jan./jun. 2012.

PELUCIO, Larissa & DUQUE, Tiago. Homossexualidades, estigmas e o discurso preventivo as DST/AIDS no Brasil ou como os gays deixaram de ser homens que fazem sexo com homens. *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades*, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010

SIMÕES, Julio Assis & FACCHINI, Regina São Paulo Editora Perseu Abramo 2009
: **Tecnologia - iG @ <https://tecnologia.ig.com.br/2018-04-03/vazamento-aplicativo-paquera-grindr.html>**

ZUCCHI, Eliana Miura and EQUIPE DO ESTUDO COMBINA! et al. Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2018, vol.34, n.7 [cited 2019-06-14], e00206617. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000703001&lng=en&nrm=iso>. Epub July 23, 2018. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00206617>